

119

Últimas Notícias
Primeira Página
Política
Economia
Cidades
Polícia
Esportes
Brasil
Mundo
DC Ilustrado
Colunistas
Cartão Urgente
Editoriais
Artigos
Azul
Tavé
E-Mail
Índice
Classificados
Edições Anteriores

Seminário na USP condena hidrovía

Debate com ambientalistas, pesquisadores e índios concluiu que corredor fluvial não é viável

FABIANA PEREIRA
Especial para o Diário

Pesquisadores, integrantes de ongs e líderes indígenas reunidos anteontem na Universidade de São Paulo (USP) concluíram que o projeto do governo da hidrovía Araguaia-Tocantins não deve ser realizado tal como está estruturado hoje. O motivo: o projeto não tem viabilidade econômica nem antropológica e apresenta graves problemas de impacto ambiental. A construção da ferrovia Norte-Sul foi levantada como a alternativa mais adequada para viabilizar a exportação da produção do Centro-Oeste para o norte, em vez da hidrovía.

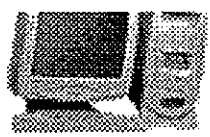
"A gravidade desse impacto ambiental impõe a revisão urgente do projeto como um todo", afirmou Tadeu Veiga, geólogo da Universidade de Brasília. Ele, antropólogos, índios e técnicas do BNDES participaram do seminário "A Hidrovía Araguaia Tocantins: Implicações Socioambientais e Econômicas de um Projeto de Desenvolvimento Regional", que foi promovido pelo Instituto Socioambiental (ISA), uma ong, e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP, com apoio do Departamento de Geografia.

O governo federal, dentro do plano "Avança Brasil", visa a utilização econômica da bacia Araguaia-Tocantins por meio de navegação comercial dos rios Tocantins, Araguaia e o rio das Mortes – estes dois atingindo o Estado do Mato Grosso. Mas, atualmente, o projeto da hidrovía Araguaia-Tocantins está suspenso devido a embates judiciais entre índios, ongs e Ministério Público, de um lado, e a Administração das Hidrovias do Tocantins e Araguaia (Ahitar), de outro. Por causa dos embates judiciais, o processo de licenciamento ambiental foi interrompido e, conseqüentemente, a realização da obra.

A Ahitar é responsável pela execução do projeto da hidrovía e deve receber até o final deste mês de setembro o relatório final encomendado à Faculdade de Saúde Pública da USP e que analisa a metodologia do Relatório de Impacto Ambiental. No relatório, é verificado se há adequação do estudo aos Termos de Referência do Ibama. A equipe que está elaborando o relatório aponta uma série de defeitos no projeto e formãs de saná-los. Os organizadores do seminário afirmaram que convidaram integrantes da Ahitar para participar, mas eles não compareceram.

Entre os aspectos levantados como negativos da obra estão as conseqüências das explosões dos diques. "Com a derrubada dos diques, o fluxo do rio aumenta e o alimento do peixe escoo rio abaixo. Sem a desova e sobrevida das larvas nas lagoas, as populações indígenas perdem seu alimento", explicou o professor de hidrobiologia da Universidade de São Carlos, Alberto Peret. Segundo ele, o projeto do governo também não leva em conta o impacto da obra sobre outros tipos de pesca na região, como a pesca por anzol, e só considera o impacto causado na pesca realizada por rede de espera.

16:45	D "a fo
16:30	Hi To de U
16:09	C de Jo Al
15:58	Fu Fa re B
15:33	EL su
15:17	C do do Es FI
15:02	A di de
14:32	C ca de
14:07	C Ar ga E
13:40	Pr 20 la
	Na su candidat melhor
	Robe
	Sery
	Wils



Pesquisa



Outros pontos considerados prejudiciais ou críticos pelos estudiosos com a realização da obra são: as "praias" que se formam pelo rio e que atraem a população local para o lazer deixariam de existir; a rapidez da água no canal do rio não inundaria a parte de planalto e agravaria a seca nas lagoas; seria quebrado o ciclo de reprodução de peixes - com isso, a população indígena e ribeirinha perderia a fonte de alimento; a produção de soja hoje não é tão volumosa para justificar a obra, e aumentar essa produção seria economicamente irracional porque o preço cairia; erros na sincronia entre a movimentação das cargas provocariam 'voltas' de barcaças sem carga alguma; grande intensidade de passagem de barcas, com uma barcaça a cada 26 minutos nos meses de abril; derramamento de combustível; o rio Araguaia possui espécies endêmicas - que existem exclusivamente lá.

"Pelo aspecto físico e biótico do rio não dá para fazer algo mitigador, ou seja, a obra não é realizável", afirmou Eduardo Carrara, antropólogo. "O transporte pela ferrovia nesse caso é mais barato do que pela hidrovia. Ou seja, o projeto da hidrovia é obsoleto", disse Maurício Galinkin, da Fundação CEBRAC.

Márcio Santilli, do conselho diretor do Instituto Socioambiental, disse que, desde 96, em uma audiência pública no Congresso, erros básicos estavam nos estudos apresentados pela Ahitar. "O local onde seria colocada a areia que seria retirada do rio não foi sequer mencionado. O que se fez foram páginas vazias", lembrou Santilli.

LEIA TAMBÉM

Seminário na USP condena hidrovia
Índios pedem engajamento de todos na luta contra a obra
Polêmica sobre suposta fraude em relatório acirra os ânimos

Ema
 Yo
 Cuiá
 Min:
 Max:
 Poupan
 TR/Set
 Ufir
 Dólar C
 C-R\$ 1,8
 Dólar Pa
 C-R\$ 1,9
 Dólar T
 C-R\$ 1,8
 * cotaçõ
 A 911



[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Comentários [Deixe aqui sua opinião sobre esse assunto](#)



[TOPO](#) | [PRIMEIRA PÁGINA](#) | [ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#) | [POLÍTICA](#) | [ECONOMIA](#) | [CIDADES](#) | [POLÍCIA](#) | [ESPORTE](#)
[BRASIL](#) | [MUNDO](#) | [DC ILUSTRADO](#) | [CUIABÁ URGENTE](#) | [EDITORIAIS](#) | [ARTIGOS](#) | [AZUL](#) | [TEVÊ](#) | [E-MAIL](#)

Diário de Cuiabá © 2000